

# O SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UMA ANÁLISE SOBRE O EMPREGO DO VOCÁBULO *LACRAR*

Valdisnéia Lucia de Sousa (UFPI)  
[neinha.lc.sousa@gmail.com](mailto:neinha.lc.sousa@gmail.com)

## RESUMO

Com base na sociolinguística, temos a ideia de que aspectos sociais e linguísticos se inter-relacionam, e que todo falante se manifesta, por meio da língua, de acordo com as interferências do meio em que está inserido. No presente estudo, mostramos que a influência social sobre uma língua se manifesta principalmente no modo de falar dos seus usuários, mas também resulta em variações de sentidos no emprego dos vocábulos, constituindo a variação semântica. Desse modo, evidenciamos a relação entre variantes sociais e a construção de significados, delimitando a observação sobre diferentes empregos do verbo *lacrar* pelo falante do português brasileiro. Fizemos uma pesquisa de campo, na qual aplicamos questionários a 21 alunos do 3º ano do ensino médio, da unidade escolar Helvídio Nunes, localizada na cidade de Sussuapara (PI). A escolha dos informantes se deu pelo fato de acreditarmos que a variação do sentido originário da palavra *lacrar* sofre maior influência na fala dos jovens, já que ela é muito presente na web, e essa geração possui maior contato com a internet se comparado com outras gerações. Para os alicerces teóricos, baseamo-nos em teóricos da sociolinguística, como Monteiro (2000), Tânia Maria Alkmim (2006), Roberto Gomes Camacho (2006), associados a autores que abordam a construção de sentidos, como Angela Bustos Kleiman (2000), Maria Helena Martins (2011), Luiz Antônio Marcuschi (2011). De modo geral, encontramos significativas mudanças de sentido para o verbo *lacrar* de acordo com cada indivíduo e evidenciamos algumas questões no que tange à variação e mudança linguística.

Palavras-chave: Construção de sentido. Língua e sociedade. Variação semântica.

## ABSTRACT

On the basis of sociolinguistics, we have the idea that social and linguistic aspects are interrelated, and that every speaker manifest, through the language, according to the interferences of the environment in which it is inserted. In this study, we show that the social influence on a language manifests itself mainly in the way its users talk, but also results in variations of meanings in the use of the words, constituting the semantic variation. In this way, we evidenciate the relationship between social variants and the construction of meanings, delimiting the observation about different uses of the verb to seal by the Brazilian Portuguese speaker. We conducted a field survey, in which we applied questionnaires to 21 students of the 3rd year of High School, Helvídio Nunes School Unit, located in the city of Sussuapara (PI). The choice of the informants was due to the fact that we believe that the variation of the meaning originating from the verb to seal has a bigger influence on the speech of young people, since it is very present on the web, and this generation has more contact with the internet compared to other generations. For the theoretical foundations, we are based on sociolinguistic theorists such as José Lemos Monteiro (2000), Tânia Maria Alkmim (2006), Roberto Gomes

Camacho (2006), associated with authors who approach the construction of meanings, such as Angela Bustos Kleiman (2000), Maria Helena Martins (2011), Luiz Antônio Marcuschi (2011). In general way, we find significant changes of meaning for the verb to seal according to each individual and we evidenciate some questions regarding variation and linguistic change.

**Keywords:** Construction of Meaning. Language and Society. Semantic Variation.

## **1. Considerações iniciais**

Muito se fala sobre as influências sociais nos fenômenos linguísticos, e já é mais que comprovado que a língua tem ligação direta com a sociedade, de modo que aspectos sociais e linguísticos se entrelaçam, fazendo com que os falantes se manifestem, por meio da língua, de acordo com as interferências do meio onde vivem, assim como de aspectos sociais ligados ao indivíduo.

Neste trabalho, pretendemos mostrar que a influência social sobre uma língua se manifesta principalmente no modo de falar dos seus usuários, mas, resulta também variações de sentidos no emprego dos vocábulos, o que constitui a variação semântica. Assim, expusemos a relação entre variantes sociais e a construção de significados, delimitando a observação sobre diferentes emprego do verbo *lacrar* pelo falante do português brasileiro.

Para tal, nós realizamos uma pesquisa de campo, com 22 alunos do 3º ano do ensino médio, da unidade escolar Helvídio Nunes, localizada na cidade de Sussuapara (PI). Para a coleta do *corpus* fizemos a aplicação de questionários a esses alunos. A escolha dos informantes se deu, pelo fato de acreditarmos que a variação do sentido, já consolidado da palavra *lacrar*, sofre maior influência na fala dos jovens, já que ela é uma palavra muito presente no ambiente virtual, além de que, como já é bastante discutido por teóricos da sociolinguística, é até a juventude que os elementos inovadores costumam ser mais bem aceitos e incorporados.

Para os alicerces teóricos, baseamo-nos em teóricos da sociolinguística, como José Lemos Monteiro (2000), Tânia Maria Alkmim (2006), Roberto Gomes Camacho (2006), e em autores que abordam a construção de sentidos pelo leitor e ouvinte, tais como Angela Bustos Kleiman (2000), Maria Helena Martins (2011), Luiz Antônio Marcuschi (2011).

Após a análise dos dados, conseguimos comprovar nossa hipótese de que iríamos encontrar significativas mudanças de sentido para o verbo

*lacrar* de acordo com cada indivíduo, e ainda evidenciamos algumas questões acerca da variação e da mudança linguística, que foram associadas com aspectos sociais relacionados aos sujeitos participantes.

## **2. O dinamismo linguístico**

Partindo dos pressupostos saussurianos apreendemos que a linguagem é uma faculdade humana composta por um lado social e outro lado individual. O lado social da linguagem corresponde à língua, enquanto o lado individual à fala, e é impossível conceber um sem o outro. Embora a linguagem seja composta desses dois lados, Ferdinand de Saussure volta seu olhar para a língua, considerada por ele como um sistema que é utilizado pelos falantes de determinada comunidade, como meio de comunicação (SAUSSURE, 1995). Assim, o caráter social da língua, é considerado pelo linguista suíço apenas quando ele afirma que a existência da língua depende de uma espécie de contrato que é feito implicitamente entre os membros de determinada comunidade.

No entanto, vemos que Ferdinand de Saussure reconhece que as línguas mudam, mas que essa mudança não ocorre de modo individual. Para o mestre suíço “o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2012, p. 115). Mas ao afirmar isso, nos questionamos se é considerada a participação do falante no que tange as transformações naturais pelas quais toda língua passa.

O linguista ainda não leva em consideração a fala para os estudos linguísticos, mas sabemos que é no uso real da língua que ocorrem as variações que, conseqüentemente, provocam as mudanças, já que não há mudança sem variação. Sabemos também que aspectos relacionados aos falantes são fatores que influenciam a língua, provocando diferenças linguísticas significativas, é o que veremos posteriormente.

## **3. A língua e as influências sociais**

A língua por muito tempo foi considerada uma instituição homogênea, livre de influências externas a ela, como dissemos anteriormente, vemos essa noção nas ideias de Ferdinand de Saussure, e na sua definição de língua como um sistema imposto ao falante pela sociedade, sendo esse sistema um conjunto de signos exterior ao indivíduo, não podendo ser modificado por ele. Desse modo, a língua comporta apenas o que é interior a

ela, e sendo um sistema, não há a consideração do caráter heterogêneo dessa faculdade humana (SAUSSURE, 1995). Com o passar dos anos, essa realidade foi mudando aos poucos, de modo que hoje é perfeitamente aceitável a ideia de que, na realidade, toda e qualquer língua é um conjunto de variedades, não constituindo, assim, um todo homogêneo.

No entanto, ao caracterizar a língua como o lado social da linguagem, já podemos questionar sobre a possibilidade de a língua se manter uniforme, já que a sociedade é composta por diferentes grupos sociais, o mais natural é que a língua, inserida nesse meio, se manifeste de diferentes formas, refletindo os diferentes grupos.

Algumas diferenças linguísticas dentro de uma determinada língua são percebidas por qualquer falante dessa língua, por exemplo, o fato de que uma língua não se mantém a mesma por um vasto território, falantes de gerações diferentes não falam da mesma maneira, pessoas escolarizadas tendem a falar de modo diferente de pessoas não escolarizadas, uma mesma pessoa não se manifesta da mesma maneira em todas as situações comunicativas e, temos mais inúmeros exemplos, que evidenciam o fato de que a língua não é homogênea.

Existem teóricos que consideram a variação linguística como uma das características naturais das línguas, de modo que chegam a afirmar que “[...] a variação é essencial a própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a falta de variação no sistema que necessitaria ser explicitado”. (MONTEIRO, 2000, p. 57)

Vemos assim que a variação linguística é natural das línguas, e ela ocorre por diferentes motivos, de acordo com os fatores que condicionam a variação linguística temos diferentes tipos de variação, dentre as quais:

1) *Varição diatópica*: são as variações linguísticas decorrentes do espaço geográfico. A existência desse tipo de variação é explicada por dois motivos, Roberto Gomes Camacho (2006) diz que é um tipo de variação que decorre do fato de que quanto mais contato existe entre os falantes de uma língua, maiores serão as semelhanças linguísticas. Assim sendo, a variação diatópica resulta da semelhança entre os atos verbais dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, já que é essa semelhança que faz surgir o dialeto de determinadas regiões.

Outro fator, é o fato de que geralmente os indivíduos que pertencem

a um mesmo território geográfico tendem a formar grupos isolados, onde alguns aspectos são usados como forma de identificação. Vejamos:

[...] os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, política e economicamente polarizador. Constitui-se, assim, uma comunidade linguística geograficamente restrita, inserida no interior de uma mais extensa e abrangente. Mediante a atração geográfica e a contiguidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico que identifica os membros de uma comunidade e os distingue de outras. (CAMACHO, 2006, p. 58)

Verdade é que, diferenças linguísticas decorrentes do espaço geográfico fazem parte de qualquer língua, já que como é possível perceber, nenhuma língua se mantém homogênea em todo o território onde é falada.

2) *Variação diastrática*: Esse tipo de variedade linguística, também chamada de variação social ou sociocultural, é a que é decorrente de fatores que estão relacionados aos falantes ou a comunidade na qual estão inseridos. Tânia Maria Alkmim (2006, p. 35) diz que é possível “apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social”.

Marcus Maia (2006, p. 158) denomina as variações diastráticas como as diferenças linguísticas que ocorrem “no âmbito de uma comunidade específica localizada em uma mesma região geográfica, caracterizando o que se tem chamado de dialetos sociais ou socioletos”.

As variantes sociolinguísticas ocorrem em todas as sociedades e estão diretamente relacionadas às categorias através das quais cada sociedade se organiza. Nem sempre essas categorias permitem uma diferenciação nítida entre si, formando um sistema complexo em que cada fator se entrecruza com os demais (MAIA, 2006, p. 158).

Pode-se afirmar assim, que em uma mesma comunidade os fatores socioeconômicos, biológicos ou culturais podem condicionar diferenças linguísticas, e esse condicionamento pode ocorrer por parte de um desses fatores ou do entrecruzamento entre eles.

3) *Variação diafásica*: Esse tipo de variação se caracteriza pelo fato “óbvio”, de que um mesmo falante nunca fala da mesma forma em todas as situações comunicativas. Também chamada de variação estilística, situacional ou de registro, considera-se que a variação diafásica é ocasionada por um único fator, que é o contexto, a situação de comunicação.

A variação diafásica ainda é vista como o resultado da adequação do falante às finalidades do seu processo interacional. Essa adequação é feita por meio de uma reflexão feita pelo indivíduo, que seleciona as formas para compor seu enunciado. Essa reflexão é feita a partir do grau de formalidade da situação, assim, quanto menos informal for a situação, maior será a preocupação com a formalidade (CAMACHO, 2006).

Marcus Maia (2006, p. 166) cita alguns fatores que podem ser considerados relacionados ao contexto e que caracterizam a variação diafásica, ele afirma que

O ambiente físico, o contexto social ou cultural, o tema da fala, o grau de intimidade entre os interlocutores, os elementos emocionais são, todos, fatores inter-relacionados e, muitas vezes, sobrepostos, que caracterizam as chamadas variantes situacionais de fala, também denominadas de registros ou níveis de fala.

Esse tipo de variação faz surgir os diferentes níveis de formalidade em que um discurso pode se manifestar. E esse nível varia desde o coloquial até o formal, o que irá definir em que grau de formalidade um enunciado se encontra é a maior ou menor presença de formas cultas da língua, o que se supõe que qualquer falante consiga fazer, como vemos na afirmação:

Labov nos diz que não existem falantes de estilo único. Há informantes que apresentam um campo de alternâncias estilísticas mais amplo do que outros, mas todos demonstram modificação de algumas variáveis à medida que mudam o contexto social e o tema. (MONTEIRO, 2000, p. 64)

Como dito anteriormente, a variação linguística dá origem a outro fenômeno, o da mudança linguística. A variação se caracteriza pela existência de duas ou mais formas linguísticas com significados similares, ou seja, ocorre quando coexistem duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa. Com a existência dessas variantes, há uma espécie de disputa entre elas, e em um dado momento uma dessas variedades passa a ser amplamente usada nos diferentes grupos sociais, na medida em que as outras vão ficando esquecidas, caindo em desuso. Assim, é uma disputa, onde uma das variedades acaba se sobrepondo em relação às demais, de modo que com o passar do tempo apenas uma irá sobreviver.

Mesmo sabendo que esse processo ocorre em todas as línguas, não é possível definir com precisão quando ou se essa substituição irá ocorrer, e se ocorrer, qual será a forma linguística que sobreviverá (GABAS JUNIOR, 2001). Quando a forma inovadora é a que sobrevive em relação as já existentes ocorre, pois, a mudança linguística.

É dessa forma que se pode afirmar que a mudança surge onde existe a variação linguística, e esta resulta principalmente devido às características sociológicas. Pois como afirma Serafim da Silva Neto (1977, p. 52):

As línguas são o resultado de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente realizando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende quer da carências do próprio sistema linguístico, quer de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças.

É válido ressaltar ainda, que nem todo processo de variação resulta em mudança, pois as vezes muitas diferenças linguísticas são apenas variedades que caracterizam a fala dos diferentes grupos sociais, o que não indica que irá ocorrer uma mudança. (FARACO, 2005)

É dessa forma, que se pode afirmar que

[...] nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora de nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança. (FARACO, 2005)

Embora todas as línguas passem por esse processo, ele passa despercebido pelos falantes, isso porque as mudanças não ocorrem de uma hora para outra, assim como, não atingem de uma só vez todo o sistema linguístico e, embora seja comum, ele encontra a resistência da preservação da intercompreensão. (GABAS JUNIOR, 2001)

Como podemos ver, teóricos da sociolinguística já disseram que nenhum falante se manifesta linguisticamente igual a outro, pois ao falar, ele traz as marcas linguísticas da região onde mora, assim como aspectos relacionados a sua idade, sexo e escolaridade. A questão que procuramos evidenciar aqui é outra, queremos mostrar que a interferência de fatores sociais se dá não apenas com relação ao modo de falar do indivíduo, mas que esses fatores podem interferir no modo que criamos significado para os vocábulos da língua que falamos.

Desse modo, acreditamos que um falante do português brasileiro, ao se deparar com os vocábulos da nossa língua constrói significado de acordo com sua escolaridade, sua região de origem, sua idade, bem como de acordo com as experiências que viveu. E essa construção de significado pode se dá com base no que já se possui de conhecido ou pode incorporar significados novos a vocábulos já existentes.

#### **4. A construção de sentido**

Não são raros os debates acerca do modo como o falante/ouvinte de uma determinada língua constrói sentido ao se deparar com um texto dessa língua. A visão de que o sentido que atribuímos a um texto depende unicamente dele foi sendo aos poucos abandonada, de modo que hoje temos a compreensão de que, quando se trata de construir significação, um conjunto de conhecimentos, de diferentes tipos, age para a realização dessa tarefa.

Ao tratar dos fatores que contribuem para o fenômeno da compreensão/significação, podemos dizer que na leitura de textos não é apenas o conhecimento linguístico que conta, mas sim todo um sistema de relações interpessoais, de relações entre as diferentes áreas do conhecimento e da expressão do indivíduo, assim como de suas experiências vividas. (MARTINS, 2011)

Angela Bustos Kleiman (2000) nos diz que na compreensão de um texto, que se dá pela atribuição de sentido àquilo que se lê, é necessário a utilização do conhecimento prévio, esse conhecimento é um conjunto de saberes que é adquirido pelo leitor/falante ao longo da vida, e engloba o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo.

*O conhecimento linguístico* é um conhecimento implícito, que compreende os conhecimentos acerca da língua, que vai desde o conhecimento sobre pronúncias do português, conhecimento lexical, regras da língua, até o conhecimento acerca dos usos, propriamente ditos, da língua. *O conhecimento textual* abrange o conhecimento que temos de noções e conceitos sobre textos, relacionados aos modos como determinados textos se estruturam, como os discursos são colocados no texto, os aspectos característicos de determinados tipos de textos, entre outros aspectos. E *o conhecimento de mundo* que é o conhecimento que adquirimos, formalmente ou informalmente, com base em nossas experiências e vivências no meio social. Estando diante de um texto ou mesmo de vocábulos, é importante a ativação desses três tipos de conhecimento, para que a significação seja construída. (KLEIMAN, 2000)

Sabemos que o conhecimento prévio não se constitui do mesmo modo para todos os leitores/falantes de nossa língua, assim, à medida que esses conhecimentos diferem de indivíduo para indivíduo, também difere o modo como os significados são criados por estes indivíduos. Vale ainda

ressaltar, que damos uma maior atenção ao conhecimento de mundo, já que buscamos compreender de que forma as experiências vividas pelo leitor e/ou falante contribuem para a construção de sentidos.

Outra ressalva é a que discorremos sobre pressupostos envolvidos na construção de sentidos do texto, porém, nossa intenção é aplicar esses pressupostos a uma unidade menor – o vocábulo – isso porque acreditamos que, na construção de sentido das palavras de uma língua, assim como de um texto, o conhecimento de mundo tem papel decisivo, já que o indivíduo percebe tudo a sua volta de acordo com suas experiências vividas, não seria diferente, pois, em se tratando da língua. Assim, entendemos que, diante de determinadas palavras, o falante faz uso de seu conhecimento de mundo para a ela atribuir sentido, de modo que, essa construção difere de indivíduo para indivíduo, já que difere o conhecimento de mundo de um para outro.

Outro ponto que merece ser destacado é a influência de fatores sociais, relacionados aos indivíduos, na língua. Não nos referimos mais as experiências individuais de cada falante, mas a aspectos relacionados a ele e que o difere dos demais, assim, tratamos de influências na língua decorrentes de fatores como idade, o ambiente em que vive, escolaridade, entre outros, é o que veremos a seguir.

## **5. Procedimentos metodológicos**

Para a realização do presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde buscamos alicerce para nossa fundamentação nos teóricos da sociolinguística, como José Lemos Monteiro (2000), Tânia Maria Alkmim (2006), Roberto Gomes Camacho (2006), assim como em autores que abordam a construção de sentidos pelo leitor e ouvinte, tais como Angela Bustos Kleiman (2000), Maria Helena Martins (2011), Luiz Antônio Marcuschi (2011). Ainda foi realizada uma pesquisa de campo, cujos dados obtidos serão analisados em outra seção.

A pesquisa de campo foi realizada com 22 alunos do 3º ano do ensino médio da escola Senador Helvídio Nunes. Essa escola fica sediada na Rua Projetada s/n, bairro Novo Paquetá, zona urbana do município de Susuapara (PI), e faz parte da rede Pública Estadual. A escolha pela turma justifica-se pelo fato de os alunos serem todos pertencentes à faixa etária considerada jovem, com idade entre 16 e 21 anos, e por esse motivo, acreditamos que eles possuem maior contato com as redes sociais, local onde

o significado da palavra *lacrar* ganha muitas variações. Além de que, teóricos da sociolinguística afirmam que é na fala de falantes jovens que as variações, com relação às inovações, e, conseqüentemente, as mudanças linguísticas ocorrem com maior frequência. (FARACO, 2005; MONTEIRO, 2000)

Após a escolha do ambiente de pesquisa, assim como dos sujeitos, passamos a coleta de dados, que foi realizada por meio de questionário. No questionário pedimos aos alunos que discorressem, por escrito, o que eles compreendiam pela palavra *lacrar*; em outra questão, pedimos que os alunos fizessem três construções frasais em que empregassem o verbo, no intuito de ficar mais evidente qual é o sentido que eles realmente apreendem do verbo. Perguntamos também se eles tinham acesso à internet, e caso tivessem, o que eles costumam fazer quando navegam no meio virtual, isso para que soubéssemos se eles possuíam acesso às redes sociais, como dito anteriormente, local onde o verbo *lacrar* ganha uma maior variação, dos 22 entrevistados. Apenas 3 não acessam as redes sociais, mas possuem algum tipo de acesso à internet. Perguntamos também se eles moravam no ambiente urbano ou rural, para podermos observar de que modo o ambiente pode influenciar nas variações. Dos 22 alunos pesquisados, apenas 3 moram no ambiente urbano. Para nos referirmos aos alunos, utilizamos o sistema alfanumérico, utilizando a letra *P* para “pesquisado”, seguido de um número diferente para cada aluno, assim, temos de *PI* até *P21*.

## **6. O verbo *lacrar* na visão dos jovens**

No presente capítulo, iremos expor a análise do *corpus* da pesquisa coletado com os alunos do ensino médio. Inicialmente fazemos uma breve discussão acerca do significado do verbo *lacrar*, assim, como a variação de significado pela qual o verbo está a passar.

Como discutido anteriormente, a língua varia e passa por mudanças significativas, e são os falantes os responsáveis pela existência desses processos. O verbo *lacrar*, por exemplo, significa selar ou fechar com lacre ou fechar completamente (FERREIRA, 2002). No entanto, o vocábulo vem ganhando outra significação, principalmente quando empregado pelos jovens, em ambientes virtuais, de modo que não é difícil encontrar empregos do verbo *lacrar* como nos casos: “Bicha, a senhora *lacrou*.”; “Modéstia à parte, *lacrei* na pista de dança.”; “Amiga, você *lacrou* com esse look.”, entre outros exemplos, em que o verbo aparece com o sentido de *arrasar*.

Ou ainda, podemos encontrar exemplos como: “Nossa, você *lacrrou* com as inimigas!”; “Depois de ter *lacrado* sobre as inimigas, elas não tiveram o que dizer.”; “As inimigas que se preparem, vim ao mundo para *lacrar*.”, entre outros, que mostram o verbo *lacrar* utilizado em um sentido de se obter vitória ou sucesso sobre alguém.

No entanto, como já dizia Gabas Junior (2001) as variações que ocorrem na língua se dão de forma lenta e imperceptível, de modo que elas vão atingindo pequenas parcelas sociais de cada vez. O que podemos ver é que o sentido do verbo *lacrar* como uma gíria não está ainda perfeitamente incorporado no grupo pesquisado, já que a maioria, 15 dos 22 alunos, detém apenas o significado original do vocábulo, ou ao menos próximo desse significado.

Vejam os que diz **P15**, quando questionado sobre a significação do vocábulo: “A palavra *lacrar* significa fechar, colar alguma coisa.” E vemos que ele detém apenas essa significação, quando ele é solicitado a construir frases empregando o verbo *lacrar*, e ele constrói as seguintes frases: “Eu vou *lacrar* a lata.”; “O envelope já está *lacrado*.”; e “Vou *lacrar* o pacote de biscoito”.

Entre os alunos que reconhecem no verbo o sentido mais próximo ao original ainda há algumas variações quanto a esses sentidos. Podemos perceber que o verbo é visto por alguns alunos como algo mais seguro do que fechar, com um grau a mais de segurança, ao que parece, algo *lacrado* é algo mais seguro e difícil de ser aberto do que algo *fechado*, vejamos:

**P16** quando questionado sobre o que significa o verbo, diz que: “Para mim, *lacrar* é o mesmo que fechar, colar prender.”. E constrói as seguintes frases: “Vou *lacrar* o leite, para não derramar.”; “Deixe o saco *lacrado* para não entrar bicho.”; e “Lacre a caixa, para ter mais segurança.”. Vemos assim que, o emprego do verbo na 3ª frase é diferente do emprego na 1ª e 2ª, ao que parece, o aluno tem uma visão de que *lacrar* algo traz uma segurança maior, diferente das outras frases, em que essa ideia não chega a aparecer.

Esse sentido de que *lacrar* é algo mais seguro do que fechar também aparece na visão de **P18**, que diz que *lacrar* é: “Fechar de forma que não entre nada.”. Ainda sobre esse aluno, ao observar o emprego do vocábulo nas frases, nos questionamos sobre o significado que ele possui acerca do verbo, pois ele constrói a seguinte frase: “*Lacraram* o ambiente.”. Ao nos depararmos com esta frase, nos questionamos se o aluno usa *lacrar* no sentido de fechar, ou se utiliza no sentido de *isolar*, *interditar*. Por ele ter

discorrido, quando questionado sobre o que significa o verbo, que lacrar significa fechar, acreditamos que o emprego do verbo na frase esteja mais ligado ao sentido de fechar mesmo.

Ainda se tratando do verbo no sentido de que é algo com um grau de segurança a mais que fechar, **P19** e **P20** também tornam isso evidente, quando questionados sobre o que significa a palavra lacrar, **P19** diz que: “*Lacrar, palavra usada para fechar alguma coisa lacrando, para não ser fácil de abrir*”. E **P20**: “*A palavra lacrar significa que algo está bem fechado ou vedado*”. Como dissemos, na construção de sentidos destes alunos, lacrar é algo mais seguro do que fechar.

Ainda dentre os alunos que veem o verbo com o sentido mais atrelado ao sentido original, um aluno parece ter consciência que o significado do vocábulo está se modificando para o uso como uma gíria, no entanto, ele parece não ter consciência acerca do uso dessa gíria. **P21** diz que: “*Lacrar é uma gíria que significa colar, algo fechado*.”. Na primeira parte da descrição, ele traz o sentido novo que é dado ao verbo (gíria), no entanto, no restante do enunciado ele traz o sentido já conhecido do verbo (fechar). Na construção das frases, mais uma vez ele mostrar deter o conhecimento apenas acerca do sentido já consolidado do verbo: “*O envelope está lacrado*.”; “*Não coma alimentos comprados se não tiver lacrado*.”; “*Lacre todos os alimentos*”.

Confirmando a ideia de Gabas Junior (2001) de que os falantes são inconscientes acerca das variações e mudanças linguísticas, alguns dos alunos pesquisados atribuíram apenas um sentido ao verbo lacrar, quando questionados sobre o que significava a palavra, no entanto, no momento de construir as frases, os mesmos empregaram o verbo com sentidos diferentes, vejamos:

**P3** diz que “*a palavra lacrar é uma gíria que usamos quando concordamos com algo ou alguma coisa*”, vemos assim, que no momento de discorrer sobre o que ele compreendia sobre o significado do vocábulo, sua visão é atrelada ao sentido da gíria, embora o significado que ele dê para a gíria não seja comumente usada, porém, nas frases construídas por ele, foi possível perceber que o mesmo tem apreendido os dois sentidos, o sentido já consolidado e o novo: “*Eu vou lacrar o garrafão*.”; e “*Ontem aquela festa lacrou*.”. Assim, vemos que o aluno não tem consciência dessa variação de sentidos que ele possui de um mesmo vocábulo.

De igual modo, **P1** também possui internalizado os dois sentidos do verbo, mas expõe apenas um quando vai falar sobre o que significa a

palavra *lacrar*: “é uma gíria popularmente usada para dizer que uma pessoa arrasou em tal coisa que fez”. No momento de construir as frases, ela traz esse sentido por ela apresentado nas frases 1 e 2, mas na 3 o sentido é o original: “*Gabriela lacrou na prova de matemática.*”; “*A costureira lacrou com aquele vestido.*”; e “*O lacre do saquinho soltou*”.

Nos questionários ainda encontramos respostas que mostram que um aluno possui consciência acerca da variabilidade de sentidos da palavra pesquisada, embora tenha ocorrido apenas um caso, é o caso de **P2**, que diz que *lacrar* “*significa colar algo ou também pode ser uma gíria*”, e constrói as seguintes frases: “*O produto está lacrado.*”; “*O garoto lacrou na prova*”; e “*Ana vai lacrar a garrafa*”.

E houve alguns casos em que a construção de sentidos do verbo pelos alunos é atrelada ao sentido que está sendo incorporado (gíria). **P6** e **P7** dizem que *lacrar* “*significa uma gíria*” e constroem frases que mostram essa visão. **P6**: “*Você lacrou naquela festa.*”; “*Amiga, você lacrou.*”; e “*Você lacrou na prova.*”. **P7**: “*Você lacrou amiga*”; “*Eduardo lacrou na apresentação*”; e “*Fabiano foi ótimo na prova, ele lacrou*”.

Um dos alunos mostra ter conhecimento do sentido do verbo *lacrar* voltado para seu uso como gíria, ele ainda mostra que o ambiente virtual é onde esse sentido é mais utilizado, mas ele parece não ter apreendido qual é o significado dessa gíria, ao ser questionado qual o sentido do verbo, **P4** diz que é uma “*gíria das redes sociais, na qual você fala algo e aquilo foi mais do que explicado e entendido*”. Na construção das frases, ele já mostra saber empregar o verbo com o novo sentido: “*Nossa, hoje é dia de lacrar.*”; “*Essa frase está top, lacrou.*”; e “*Essa noite lacraremos*”.

Diferentemente de **P4**, **P9** mostra que já apreendeu o novo sentido do verbo quando questionado sobre o seu significado, no entanto, no momento de construção de frases, ele não mostra já ter domínio no emprego desse vocábulo com esse novo sentido. Ele diz que: “*lacrar é uma palavra muito usada pelas pessoas mais jovens, tipo: ‘Hoje à noite vou lacrar.’*”, e constrói as seguintes frases: “*hoje, meu dia foi puxado, mas lacrei em algumas coisas.*”; “*Amanhã será um dia bem lacrativo*”; e “*Irei lacrar atualmente*”.

## 7. Considerações finais

As análises dos questionários nos levaram a comprovação de algumas questões, Luiz Antônio Marcuschi (2011, p. 90) diz que “diferentes indivíduos produzem sentidos diversos com o mesmo texto”, nós acreditamos que essa diferenciação de sentidos feita pelos indivíduos abarca não apenas o texto. Nota-se, porém, diferentes indivíduos compreendendo determinados vocábulos de modo diferente uns dos outros. Acreditamos que isso ocorra principalmente porque, como dissemos anteriormente, na construção de sentidos vários conhecimentos, que formam o conhecimento prévio, participam desse processo, e nenhum indivíduo possui os mesmos conhecimentos que outro, já que cada um participa de diferentes experiências, de diferentes grupos sociais, diferentes contextos sociais.

Ainda pudemos ver que os sentidos dos vocábulos, assim como todos os aspectos da língua, não se mantêm estáveis e homogêneos. Sabemos que as línguas variam e mudam, essas variações atingem diferentes aspectos – sintáticos, morfológicos, lexicais, fonéticos – não seria, pois, diferente com os aspectos semânticos.

Vimos ainda que, como dito anteriormente, as variações e mudanças que ocorrem na língua vão sendo inseridas aos poucos e se dão de forma que os falantes não as percebem. Com as análises pudemos comprovar este aspecto também.

Outro ponto que merece ser tratado é que, geralmente, as variações linguísticas iniciam na fala de jovens, condicionadas por outros fatores associados à idade, quando se trata do surgimento de elementos inovadores, principalmente se tratando de gírias presentes em ambientes virtuais, enquanto que as pessoas mais velhas possuem uma maior resistência às novas formas, como assinala Faraco (2005, p.23), “[...] os elementos linguísticos inovadores ocorrem com frequência menor na fala das gerações mais velhas [...]” (FARACO, 2005, p. 23). Embora esse fato seja já comprovado por estudiosos da sociolinguística, o que pudemos perceber é que mesmo os alunos sendo jovens, que possuem acesso à internet e redes sociais, o sentido novo que está sendo incorporado ao verbo *lacrar* não está totalmente inserido no grupo, inclusive uma pequena parcela o utiliza.

Acreditamos que isso ocorra por influência do lugar onde os jovens vivem. Dos 22 alunos, apenas 3 moram no ambiente urbano, sendo a maioria habitantes de ambientes rurais, como já foi dito. Já é comprovado que as variações linguísticas no que tange inovações atingem com uma menor frequência os ambientes rurais, assim, o espaço geográfico faz com que

haja a existência de uma oposição entre linguagem urbana e linguagem rural. Dino Preti (2003, p. 25) fala sobre essa oposição:

A primeira cada vez mais próxima da linguagem comum, pela ação decisiva que recebe dos fatores culturais (escola, meios de comunicação de massa, literatura) [...]. A segunda mais conservadora e isolada, extinguindo-se gradualmente com a chegada da civilização.

E assim, vimos que nossa suposição de que haveria diferenças significativas entre o modo como cada um dos indivíduos pesquisados construía significado para a palavra *lacrar* estava correta, pois o resultado das análises nos trouxe essa constatação. Constatamos ainda o modo como as variações e mudanças são incorporadas à língua.

Assim, com base no que foi exposto, concluímos que a língua acima de tudo reflete a diversidade dos indivíduos que compõem a sociedade, podendo, assim, ser entendida como uma instituição social (MONTEIRO, 2000). Dessa forma, quando se trata de aspectos relacionados à língua, elementos linguísticos e aspectos socioculturais se relacionam mutuamente, muitas vezes mostrando fatos que diferem de indivíduo para indivíduo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

GABAS JUNIOR, Nilson. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Angela Bustos. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

MAIA, Marcus. *Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=646-vol15vias04web-pdf&category\\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=646-vol15vias04web-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 9-10-2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão textual como trabalho criativo. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. *Caderno de Formação: Formação de Professores Didática Geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 11, p. 89-103, 2011.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA NETO, Serafim da. *História do latim vulgar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.